

O RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO DE FLORINDA TUBINO SAMPAIO ENTRE 1940-1943: A IMAGEM DE UMA ESCOLA MODELO.

Dilza Porto Gonçalves-PPGH/PUCRS
dpghistoria@hotmail.com

Introdução

Este texto foi construído a partir da análise relatório da administração de Florinda Tubino Sampaio, quando esta foi diretora geral do Instituto de Educação General Flores da Cunha. O relatório é datado de 1943 em sua capa, mas no seu interior encontra-se referência a inspeção estadual de 1940 e dados de 1942 e 1943. Aparentemente o relatório teve um objetivo principal, a inspeção estadual, mostrando os dados administrativos. O enfoque principal na análise do relatório é um conjunto de onze imagens sobre os ambientes internos do prédio construído na década de 1930 e que passou a abrigar a escola em 1937.

Neste contexto, opta-se a por uma pesquisa dentro da História Cultural, com enfoque na História da Educação. No entanto, para uma melhor interpretação das imagens é necessário recorrer ao contexto político nacional e gaúcho, bem como ao projeto educacional no estado do Rio Grande do Sul.

Desta forma, procura-se pensar a história de uma sociedade a partir da análise de suas instituições, pois a escola reflete os valores e os anseios da sociedade na qual está inserida. Por isso, é possível analisar a sociedade através de representações, que, segundo Roger Chartier, são forjadas pelos grupos e por eles próprios modeladas. As práticas, que visam reconhecer uma identidade social, mostram uma maneira própria de estar no mundo e têm significado simbólico, um estatuto, uma posição. Para esse autor, a noção de representação permite articular três modalidades da mentalidade com o mundo social:

Em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto, uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças as quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.¹

¹ CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editorial, 1988, p. 23.

Quando se aborda imagens referentes a uma escola entende-se que estas estão inseridas num contexto político, social e cultural e que representam determinados grupos sociais, que de alguma maneira constroem seus símbolos e representações do real. Neste sentido, segundo Paulo Knauss,

Os significados não são tomados como dados, mas como construção cultural. Isso abre um campo para o estudo dos diversos textos e práticas culturais, admitindo que a sociedade se organiza, também, a partir do confronto de discursos e leituras de textos de qualquer natureza – verbal escrito, oral ou visual. É nesse terreno que se estabelecem as disputas simbólicas como disputas sociais².

Portanto, quando produz as imagens o fotógrafo e as instituições as quais representa tem uma mensagem e um significado a passar, no entanto, o leitor da imagem tem sua própria interpretação que está relacionada aos seus valores pessoais e culturais.

As fotografias guardadas num álbum ou como nesse caso, num relatório administrativo foram selecionadas com cuidado e tem por pretensão registrar, documentar, ilustrar e até mesmo “provar” uma dada realidade. Sabe-se que estas escolhas não são ingênuas ou inocentes e que não foram feitas aleatoriamente. Para exemplificar isso se cita novamente Paulo Knauss, pois para o autor,

Não há razão para que a cultura seja pensada de forma estanque, separando domínios de alta cultura de domínios menos elevados. Trata-se de afirmar um conceito antropológico de cultura que se refere a todas as dimensões da vida, a um amplo leque de atividades na sociedade, as práticas de grupo compartilhadas. Marita Sturken e Lisa Cartwright chamam atenção para o fato de que os sentidos de toda imagem são múltiplos e que podem ser recriados a cada novo olhar. É preciso conhecer as convenções, considerando que as associações entre símbolos e códigos não são fixas, o que significa dizer que os sentidos são negociados. As práticas de olhar não devem ser definidas como atos de consumo passivo³.

Ciente que as imagens fazem parte de uma cultura e que pertencem a um contexto político-social e até mesmo ideológico, analisa-se o relatório de Florinda Tubino. Para entender um pouco mais sobre esse conjunto de 11 imagens fotográficas que fazem parte de um relatório administrativo utiliza-se a fotografia como documento.

² KNAUSS, Paulo. *O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual*. In: **ArtCultura**, v. 8, n. 12, 2006, p.100.

³ KNAUSS, Paulo. *O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual*. In: **ArtCultura**, v. 8, n. 12, 2006, p.115.

Neste sentido, recorre-se a André Rouillé, pois o autor quando trata a fotografia como documento nos remete aos conceitos que se resume a seguir:

■ Arquivar: uma das grandes funções da fotografia documento terá sido a de erigir um novo inventário do real, sob a forma de álbuns e, em seguida, de arquivos. (...) Assim, esse inventário fotográfico do real constitui-se no cruzamento de dois procedimentos de tesauroização: o das aparências, pela fotografia; e o das imagens, pelo álbum e pelo arquivo.

■ Ordenar: o álbum não é um receptáculo passivo. Ele não agrupa, não acumula, não conserva nem arquiva sem classificar e redistribuir imagens, sem produzir sentido, sem construir coerências, sem propor uma visão, sem ordenar simbolicamente o real.

■ A fotografia-documento e o álbum (ou arquivo) desempenham papéis opostos e complementares: a fotografia fragmenta, o álbum e o arquivo recompõem os conjuntos. Eles ordenam.

■ Fragmentar: Walter Benjamin explica que “a imagem do pintor é total, a do *cameraman* é feita de múltiplos fragmentos”. A fragmentação e a força do detalhe provêm tanto da capacidade do dispositivo em reaproximar as coisas quanto de sua maneira em recortar e registrar aparências. O fragmento e o detalhe resultam do corte e da captação. Eles mobilizam a parte química (o registro) e a parte óptica (corte, a distância) do dispositivo. (...) o fotógrafo trabalha por subtração desmantela a continuidade do visível de onde extrai suas imagens. (...)

■ Unificar: por extração, retirada, abstração, a fotografia-documento chega rapidamente a um proliferante acúmulo de tomadas parciais, de fragmentos, de restos de realidade: um grande caos de imagens em busca compulsiva de unidade. Não uma unidade orgânica, que tivesse sido perdida e que seria preciso reencontrar; porém uma unidade dessa multiplicidade, um todo desses fragmentos.

■ Modernizar os saberes: os domínios do saber e da ciência raramente lhe foram contestados. Essa intransigência contra as mínimas veleidades da fotografia só é igualada pelo consenso que se forma a propósito de seus usos práticos e documentais⁴.

Ao analisar esse conjunto de imagens reunidas num relatório administrativo reflete-se sobre as funções que pode ter como arquivar, ordenar, fragmentar, unificar e ser representação de modernidade.

⁴ ROUILLÉ, André. *Funções do documento*. In: ROUILLÉ, André. A fotografia entre documento e arte contemporânea. São Paulo: SENAC, 2009, p. 97- 135.

O relatório da administração de Florinda Tubino (1940-1943)

O conjunto de imagens compreende em onze fotografias que fazem parte de um relatório elaborado entre 1940 e 1943, durante a administração de Florinda Tubino Sampaio. O objetivo principal do relatório foi a inspeção federal de 1940, no entanto os dados e as fotografias são de 1942 e 1943.

Além das imagens fotográficas, o relatório é composto de dados sobre a estrutura física e dados relativos a história da escola. Tem também a relação do quadro geral de matrículas de 1943. Há destaque para o corpo administrativo. Tem o horário de funcionamento da escola, bem como organização da escrita financeira, lista do corpo docente, com a indicação da disciplina que cada professor lecionava e seu respectivo número de inscrição no estado. Também consta a descrição de atividades extra-curriculares, tais: biblioteca, conselho de alunas, instituições orfeônicas, centro de estudos biológicos, publicações e grêmio de história.

Além dos dados administrativos sobre a Escola, encontra-se no relatório três desenhos da planta do edifício do IE. Estes desenhos contêm a descrição dos ambientes e até mesmo a disposição dos móveis das salas de aulas, laboratório de química, sala de ciências, sala de Geografia e da sala de desenho. As dimensões das plantas são três vezes maiores que as páginas do relatório. Uma das plantas é de autoria de Theo Dierderspahn e filho.

O conjunto de imagens é composto por onze fotografias, com dimensões entre 23 cm X 16 cm ou 22 cm X 15 cm, ou seja ocupam a metade da página ou um pouco mais. Em nove fotografias tem a marca d'água do Studio 2 de Porto Alegre, uma delas tem a assinatura de F. Ávila e uma outra não consta a indicação do fotógrafo, mas parece ter sido recortada, aparentemente teria dimensões maiores que a página, por isso o recorte. Somente na última fotografia do relatório que aparece o elemento humano. Na fotografia da sala da merenda visualizam-se duas senhoras que aparentam ser as merendeiras, ambas de branco encostadas atrás do balcão. Na parte inferior das páginas onde constam as fotografias tem desenhos do ambiente fotografado com a disposição dos móveis e em alguns casos na página seguinte tem a descrição dos objetos que constam naquele ambiente.

As imagens não foram analisadas a partir de sua qualidade técnica, nem tampouco sob o aspecto de seus fotógrafos, pois embora tenha sido realizada uma pesquisa sobre quem eram, não foram encontrados dados sobre eles. O que tentou se fazer neste trabalho foi interpretá-las a partir de seu significado no relatório e no contexto histórico e político do Instituto de Educação General Flores da Cunha. Por isso, se faz um breve histórico do Instituto de Educação, desde sua fundação como Escola Normal em 1869 até 1946, quando houve uma reforma educacional e que foi escolhida como marco temporal para este trabalho. Além disso, se relata um pouco da história de Florinda Tubino Sampaio, já que o relatório é referente a sua administração como diretora do Instituto de Educação.

O Instituto de Educação

O Instituto de Educação General Flores da Cunha é a escola pública mais antiga em funcionamento no Rio Grande do Sul, o seu passado parece estar sempre sendo presentificado através das memórias da comunidade. Então, faz-se aqui um pequeno relato da história dessa Instituição desde sua fundação em 1869 até 1946, que é marco temporal deste trabalho:

A Escola Normal da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul foi instituída a 5 de abril de 1869 pelo Regulamento do Curso de Estudos Normais, baixado pelo Presidente da Província, Sr. Antonio da Costa Pinto e Silva (...). O Curso da Escola Normal era inicialmente de dois anos (...)⁵.

Embora existisse uma demanda e um anseio da população para criação de escolas públicas, não havia interesse das elites em ampliar a instrução pública, pois as idéias não saiam do papel. Para Ricardo Almeida, não existia uma preocupação com a instrução pública em todas as províncias do Império, pois a “*instrução popular é a primeira das necessidades de uma nação, depois da satisfação das necessidades materiais; é também o primeiro elemento da ordem pública, a maior das forças produtivas e a mais fecunda de todas as medidas financeiras*”⁶. Vê-se que o autor considera a instrução popular

⁵ IE Revista, 1969, p.17.

⁶ALMEIDA, Ricardo Pires de. *A instrução pública no Brasil (1500-1889): história e legislação*. São Paulo: EDUC, 2000, p. 155.

também como uma forma de controle social e de melhor qualificar as forças produtivas para o desenvolvimento da nação. A fundação da Escola Normal, era uma aspiração antiga dos moradores da Província de São Pedro do Rio Grande, pois segundo Jaime Giolo⁷, a situação geral da educação no Brasil era precária, mas no continente de São Pedro estava muito aquém de outras províncias. Além disso, o autor destaca que não havia uma classe média que intervisse diretamente para efetivação da instrução pública na província e “*note-se que, mesmo entre a elite, o esmero cultural e a formação intelectual não tinham importância*” (2006, p.453). Mas, mesmo com a precariedade, e talvez justamente por isso, a criação da Escola Normal era uma forma de diminuir ou solucionar os problemas da instrução pública. Foi nesse espírito que então foi criada a Escola Normal, para atender aos anseios de uma população que já reivindicava pela formação de professores desde 1835, pois só assim poderia se primar por uma instrução pública de qualidade. Em projeto criado em 1860, o executivo teve autorização para escolher e contratar professores, mas somente em 1869 que efetivamente vai se criar a Escola Normal, em o regulamento determina que:

Anexa ao liceu D. Afonso, funcionasse uma escola normal, na qual “se prepararão professores de ambos os sexos para a instrução primária” (art. 1º). Todo candidato que desta data em diante, pleiteasse uma vaga no magistério deveria, antes, passar pela escola normal, onde, durante dois anos, receberia formação intelectual e pedagógica⁸.

Mas mesmo com a criação da Escola Normal, ainda notava-se o déficit da instrução pública na província, com esta justificativa em “*1871, o Curso foi acrescido de um ano, adicionando-se ao currículo o estudo dos Princípios Elementares das Ciências Físicas e Naturais*” (IE – Revista, 1969, p. 17). Neste contexto, “*pela lei 771, de 4 de maio de 1871, foi mandado instalar, junto à escola normal, uma escola primária masculina para a prática de ensino (art. 19). Nesse caso, as alunas freqüentariam de manhã e os*

⁷ GIOLO, Jaime. *A instrução*. IN: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (org.); PICCOLO, Helga; PADOIN, Maria (dir.). Império. Passo Fundo: Méritos, 2006, Vol. 2. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

⁸ GIOLO, Jaime. *A instrução*. IN: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (org.); PICCOLO, Helga; PADOIN, Maria (dir.). Império. Passo Fundo: Méritos, 2006, Vol. 2. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul), p. 485.

alunos à tarde (art. 31)”⁹. Em 1880, a Escola Normal sofreu nova reforma, “*o curso de estudos normais ficou dividido em duas partes: preparatório e normal*”¹⁰.

O sucesso da Escola Normal vai se refletir também em problemas políticos. Segundo Giolo, “*junto à escola normal aglomerou-se a elite educacional de Porto Alegre (e da província). Sua autoridade e independência eram tais que projetavam sombra sobre a Diretoria Geral da Instrução Pública*”¹¹

A Escola Normal, como qualquer instituição pública está sujeita as transformações e mudanças de acordo com a política estadual. Por isso em 1901, a Escola Normal passa por novas transformações, vê-se a seguir:

A 14 de março de 1901, pelo decreto nº 373, o Presidente do Estado suprime a Escola Normal, substituindo-a por um Colégio Distrital, dividido em duas seções, que funcionavam separadamente, uma para o sexo masculino e outra para o feminino. Anexo funcionava o Curso Elementar, preparatório para o Complementar (IE Revista, 1969, p. 17).

Mas as mudanças não param por aí, em 1906, a estrutura da Escola é novamente modificada, “*em 16 de maio de 1906, o Colégio Distrital dá lugar à Escola Complementar, de nível secundário*” (IE Revista, 1969, p. 17). No final dos anos de 1920, a Escola volta a denominação de sua fundação, mas novamente tem sua estrutura alterada e seus objetivos ficam cada vez mais próximos da formação de professores:

Em 9 de março de 1929, o Decreto nº 4.277 restabeleceu a denominação original de Escola Normal, com a seguinte estrutura:
Curso Complementar (já existente), que foi reduzido de um ano
Curso de Aperfeiçoamento, de dois anos
Escola Primária, de seis anos
Jardim de Infância, de três períodos¹².

É interessante observar o lugar que o Instituto de Educação vai ocupar, no *status quo* da história das escolas públicas do Rio Grande do Sul. Para Guacira Louro:

algumas parcelas da população feminina gaúcha ali estudaram e dentre elas formaram-se lideranças expressivas. Mas, certamente, apesar de ter

⁹ Ibidem, p. 486.

¹⁰ Ibidem, p. 487.

¹¹ Ibidem, p.487.

¹² IE Revista, 1969, p. 17.

sido sempre esta uma escola pública e gratuita, ela não foi dirigida para maioria feminina das classes trabalhadoras. Ao contrário o IE foi (...) preponderantemente uma escola para mulheres das camadas médias da sociedade gaúcha¹³.

Neste sentido, é importante ressaltar que Escola Normal vai ter uma estrutura marcadamente para instrução feminina, e mesmo sendo pública e gratuita como mostrou Louro, ela é destinada à educação das moças da classe média porto-alegrense e gaúcha.

O Instituto de Educação esteve sempre na vitrine das escolas estaduais e, por isso, os atos políticos do governo estadual interferiam diretamente nos projetos pedagógicos e no quadro de professores da Escola. Desde o governo de idéias positivistas, como o de Borges de Medeiros, que tinha como a modernização do Estado até a campanha nacionalização do Estado Novo, teve-se a influência direta de professores e alunas do Instituto de Educação. Guacira Louro reforça essa idéia:

Sendo uma escola oficial, ligada ao estado, localizada na capital, e tendo como seus dirigentes pessoas de confiança do governo, nela é possível perceber expressivamente as mudanças políticas do Rio Grande e do país. Para ela também se canalizam os esforços e apoios no sentido de que possa acompanhar novas idéias e processos pedagógicos que surgem¹⁴.

Neste sentido, Ana Cristina Beiser lembra uma viagem de estudos ao Uruguai, na década de 1910, promovida pelo governo do Rio Grande do Sul, para pesquisas em escolas e métodos de ensino usados naquele país,

Florinda Tubino, juntamente com um grupo de educadores recebeu a oportunidade de participar de uma viagem de estudos a Montevideú. A comitiva foi constituída pelo diretor da Escola Normal Clemente Pinto, pelos professores Affonso Guerreiro Lima, Ondina Godoy Gomes, Georgina Godoy Moritz e Marieta Freitas Chaves¹⁵.

Mas, não foram somente professores da Escola Normal que participaram dessa viagem de estudos ao Uruguai, foram também algumas alunas mestras, como “Carolina

¹³ LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e Antiprendas: uma escola de mulheres*. Ed. da Universidade, UFRGS, 1987p13.

¹⁴ LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e Antiprendas: uma escola de mulheres*. Ed. da Universidade, UFRGS, 1987 p13

¹⁵ BEISER, Ana Cristina. *Educação e educadores em Porto Alegre: um estudo de caso*. Porto Alegre, 1997. Dissertação de Mestrado em História – PUCRS.

Cunha, Olga Acauan, Marina Cunha, Idalina Mariante Pinto, Maria José de Souza e Branca Diva Pereira”.

Desta viagem resultaram a aplicação de práticas pedagógicas inovadoras na Escola Complementar e também na tradução da “Cartilha Quieres Ler?” de José Henriques Figueira, professor Uruguaio, por Olga Acauan e Branca Diva Pereira. Essa tradução resultou na Cartilha Queres Ler?, que foi largamente utilizada para alfabetização nas escolas do Rio Grande do Sul nas décadas de 1920,1930 e 1940.

Os ideais de Borges de Medeiros, presidente do Estado no período eram baseados no positivismo de August Comte, que defendia a ampla modernização do Estado e a viagem de estudos ao Uruguai, estava amplamente ligado ao processo de modernização iniciado naquele país.

Mesmo depois de 1930, René Gertz ressalta a influência do Estado Novo na educação no Rio Grande do Sul e ainda destaca essa interferência no Instituto de Educação:

Mas não há dúvida de que algumas medidas importantes para a institucionalização e para a regulamentação do ensino em geral foram tomadas nesse período, da mesma forma que ocorreram uma expansão física e uma mobilização de professores, administradores e intelectuais em torno do assunto. A atenção maior foi dada ao ensino básico, e nesse campo foram perseguidos três objetivos fundamentais: ampliação da rede de escolas e do número de professores para aumentar os índices de alfabetização entre a população; definição de uma política de pessoal, com a elaboração de um plano de carreira para o magistério; elaboração de normas e critérios para o funcionamento das escolas. Isso significou, concretamente, a reformulação do Instituto de Educação General Flores da Cunha especializado na formação docente; a seleção dos professores por concurso; a criação de Delegacias Regionais de Ensino para possibilitar um maior acompanhamento das escolas e dos professores do interior do estado; a elaboração de programas curriculares mínimos a serem seguidos¹⁶.

A escola adquiriu uma importância significativa nos projetos relacionados à educação por parte dos governos estaduais, pois vai representar um sinal da modernidade no estado. Como sinal desse processo de modernização do Estado é construído um novo prédio para abrigar a Escola Normal e em 1937 é transferida para

¹⁶GERTZ, René. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo,2005, p. 98.

um novo. O projeto da Escola foi elaborado durante o governo de Flores da Cunha, é também por isso, que mais tarde recebe o nome deste.

Considerando isso, é construído o prédio monumental que abriga o Instituto de Educação hoje, pois “*em março de 1937, ao ser transferido para o novo edifício à Avenida Osvaldo Aranha, tomou o nome de Escola Normal ‘General Flores da Cunha’*” (IE Revista, 1969, p. 17). Prédio esse que foi construído na década de 1930 para abrigar o Pavilhão Cultural da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha. Sobre a exposição, Zita Possamai escreve:

Além de pavilhões econômicos foi montado o Pavilhão Cultural, localizado na Escola Normal General Flores da Cunha, sob a direção de Walter Spalding. Esse era composto por várias seções, entre as quais as salas de Pedagogia, organizada por Tupy Caldas, as salas de Pintura, organizadas por Ângelo Guido, entre outras de Arquitetura, Escultura, Música, Literatura e Imprensa¹⁷.

Segundo Possamai, o estilo arquitetônico da Escola Normal, assim como o Palácio Piratini, a Biblioteca Pública, a Delegacia Fiscal, os Correios e Telégrafos e o Colégio Elementar Fernando Gomes, foram construídos para representar a monumentalidade que:

Utilizando uma heterogeneidade de estilos que caracterizava o ecletismo arquitetônico essas edificações estruturavam uma nova paisagem urbana, que correspondia ao imaginário de modernidade da época, tendo sido valorizadas nas remodelações realizadas por estarem afinadas com o princípio de embelezamento da cidade presente no plano proposto. É interessante ver que essas edificações – erguidas no espaço urbano de Porto Alegre com o objetivo de se configurarem como monumentos positivistas – ao passo que dotavam o desenho urbano de maior beleza e suntuosidade, nas imagens fotográficas têm reforçada a sua função memorial¹⁸.

O prédio do Instituto de Educação foi construído, num contexto político de valorização de identidade do gaúcho, no qual se ressaltava os monumentos como

¹⁷ POSSAMAI, Zita Rosane. *Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos - Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930*. Tese de doutorado UFRGS, 2005, p.72-73. <http://hdl.handle.net/10183/5251>

¹⁸ POSSAMAI, Zita Rosane. *Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos - Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930*. Tese de doutorado UFRGS, 2005, p.72-73. <http://hdl.handle.net/10183/5251>

desenvolvimento e engrandecimento do Estado perante as outras unidades da federação. Além disso, a monumentalidade do prédio também está associada à sua função inicial que era abrigar uma exposição do centenário da Revolução Farroupilha, revolta essa tão valorizada no processo de construção de identidade do gaúcho. Mas, também pode ser comparado ao contexto das reformas educacionais que vinham acontecendo pelo país, como por exemplo a Reforma de Fernando Azevedo no Distrito Federal entre 1927 e 1930. Segundo Rachel Abdala,

Fernando Azevedo dispôs-se a renovar a educação. Para tanto, era necessário antes de tudo, repensar e organizar as instalações escolares. Assim, após constatar a situação precária dos prédios escolares existentes e a insuficiência de instalações para essa finalidade, Azevedo elaborou um projeto arquitetônico que envolvia, tanto a recuperação dos prédios antigos, quanto a construção de novos. Em sua administração, foram construídos nove prédios, todos concebidos segundo o estilo neocolonial, visando firmar o nacionalismo¹⁹.

A construção de um novo prédio para Escola Normal, estava contextualizada na política nacional para educação como também no projeto de modernização da cidade.

Logo após a mudança de prédio a escola passa por novas mudanças, agora seu status de Escola Normal é substituído para Instituto de Educação:

1939, (...) um decreto (...) transformou a Escola Normal em Instituto de Educação, ao mesmo tempo, introduzindo profundas modificações em sua organização, que passou a contar com:
Jardim de Infância
Escola Experimental
Escola Secundária
Escola de Professores
Neste ano, na Escola Secundária foram incluídos o Ginásio e o Curso Complementar²⁰.

Nos meados de 1940, mais precisamente, “em 1946, o Ginásio passou a ter quatro anos e o Curso de Formação de Professores, três anos” (IE Revista, 1969, p. 17).

Para entender melhor como o IE ficou sendo conhecido como escola “modelo” é necessário conhecer como as práticas pedagógicas e políticas governamentais atuaram

¹⁹ ABDALA, Rachel. A fotografia e a construção da imagem da escola Normal. www.sbhe.org.br

²⁰ REVISTA IE, 1969, p.17.

na Escola. Neste processo de construção de uma identidade como “escola modelo” a diretora que atuou durante os 10 anos foi Florinda Tubino Sampaio.

Quem foi Florinda Tubino Sampaio?

Como o objetivo deste texto é analisar o relatório da administração de Florinda Tubino, entre 1940 e 1943, destaca-se então quem foi essa personalidade que atuou tantos anos na educação. Utiliza-se como base para essa pesquisa a dissertação de mestrado de Ana Cristina Pires Beiser *Educação e Educadores em Porto Alegre: um estudo de caso*²¹. A autora contextualiza o papel de Florinda Tubino na educação no Rio Grande do Sul e na direção do IE nos início do século XX.

Segundo a autora, Florinda Tubino nasceu em Quaraí, no Rio Grande do Sul em 1895, mudou-se com a mãe e os irmãos, logo após o falecimento do pai para Porto Alegre. Em 1909, Florinda Tubino concluiu o curso na Escola Complementar²².

De acordo com Ana Beiser em 1911 foi nomeada para lecionar no primário da Escola Normal. Florinda e deve ter se destacado como educadora, pois, logo foi convocada para viagem de estudos ao Uruguai, como já citado anteriormente, juntamente com uma comitiva da Escola Normal.

Como professora de história, Florinda Tubino em 1935, publicou um livro de história destinado aos alunos do curso ginasial, com o título *Lições de História da Civilização*, nesta obra indicava o programa oficial do estado. Para Ana Beiser, “Florinda Tubino escreveu uma história centrada no culto aos heróis, de pessoas que realizaram feitos importantes para o progresso da humanidade” (1996, p.109). Segundo a autora, Florinda Tubino parece ter mudado seus métodos desde que começou a ter contato com o Escolanovismo, já que suas práticas tornaram-se bem diferenciadas da concepção do livro.

Florinda Tubino assumiu diretora da Escola Normal em 1936, ainda no prédio antigo na Duque de Caxias, e permanece no cargo até o final do Estado Novo, mais precisamente em 1945. Segundo Beiser,

²¹ BEISER, Ana Cristina. *Educação e educadores em Porto Alegre: um estudo de caso*. Porto Alegre, 1997. Dissertação de Mestrado em História – PUCRS

²² O quadro de formatura de Florinda Tubino ainda se encontra na parede da sala 114 no Instituto de Educação General Flores da Cunha.

Florinda Tubino Sampaio assumiu a função de diretora da Escola Normal provisoriamente. Em 1939, ano que a Escola Complementar foi transformada em Instituto de Educação, a diretora foi efetivada no cargo, pelo Secretário de Educação, José Pereira Coelho de Souza, e, como ele, retirou-se em 1945²³.

Florinda Tubino, como várias professoras do Instituto de Educação, tiveram importante participação política no estado. Algumas dessas professoras participaram da fiscalização da campanha de nacionalização no estado, entre elas: Olga Acauan, Branca Diva Pereira, Marieta Cunha e Silva. Todas elas estiveram ligadas a Secretaria de Educação e Saúde Pública durante a gestão de Coelho de Souza, como se sabe foi um dos Secretários mais engajados na campanha de nacionalização durante o Estado Novo.

Percebe-se que enquanto foi diretora do IE, Florinda Tubino esteve em contato com as políticas educacionais estaduais e federais. Mesmo que tenha publicado um livro aparentemente voltado a uma pedagogia tradicional Florinda Tubino participou anos mais tarde do movimento escolanovista. Para exemplificar isso se recorre Ana Cristina Beiser quando diz que Florinda Tubino participou de

Um curso de férias, no Rio de Janeiro, em 1940. Sob inspiração da Associação Brasileira de Educação, pode ter contribuído ainda mais para a formulação de idéias relativas a modernização, que já vinham sendo pensados desde, no mínimo o ano anterior, quando recebeu na escola importantes visitantes.

A diretora organizou um dos mais importantes eventos pedagógicos do Estado Novo, no Rio Grande do Sul com o apoio da administração de Coelho de Souza. Foi realizado na escola, julho de 1939, um curso de aperfeiçoamento pedagógico, ministrado pelos principais teóricos da Escola Nova no País, os professores Lourenço Filho e Everardo Backheuser. Esses dois eminentes educadores vinham atuando ativamente como colaboradores da Política Federal no Ministério da Educação²⁴.

Também são reconhecidas pela comunidade escolar e citadas por Ana Cristina Beiser, as inovações aplicadas por Florinda Tubino no Instituto de Educação, que se apresentará aqui resumidamente:

- criação de um orfeão, com teoria musical aplicada desde o Jardim de Infância até o Ginásio;

²³ BEISER, Ana Cristina. *Educação e educadores em Porto Alegre: um estudo de caso*. Porto Alegre, 1997. Dissertação de Mestrado em História – PUCRS, p. 115.

²⁴ BEISER, Ana Cristina. *Educação e educadores em Porto Alegre: um estudo de caso*. Porto Alegre, 1997. Dissertação de Mestrado em História – PUCRS, p. 137.

- inauguração dos laboratórios de química, física e história natural, nos quais os professores aplicavam o Método Experimental;
- foi instalado o Gabinete Médico, que teve iniciativa da diretora com campanha entre alunos para recolher os recursos para compra dos materiais;
- criação dos símbolos do Instituto (hino e emblema);
- foi criado durante sua administração o Grêmio de Alunas do IE que produziram uma revista anual durante os anos de 1942, 1943 e 1944.

Ana Beiser destaca o Instituto de Educação como “*instituição atuante no projeto modernizador do ensino público estadual*” (1996, p. 135). Portanto, Florinda Tubino que teve o apoio do governo estadual e até mesmo federal teve sua administração reconhecida como inovadora e idônea. Até mesmo sua saída da direção da Escola representou para comunidade um “ato heróico”. René Gertz diz que durante uma viagem de Coelho de Souza ao Rio de Janeiro, este é substituído por Caio Brandão de Melo:

o qual forçou o ingresso de dois alunos no Instituto de Educação General Flores da Cunha, causando a demissão da diretora, Florinda Tubino Sampaio. Na volta, Coelho de Souza tentou contornar a situação, mas na seqüência, tanto Melo quanto ele acabaram pedindo demissão²⁵.

Florinda Tubino teria ficado indignada com o ingresso desses alunos citados por Gertz, pois estes não teriam prestado a prova necessária para o ingresso na Escola. Florinda que era reconhecida por sua rigidez não tolerou a imposição e demitiu-se do cargo de diretora. No entanto, no retorno de Coelho de Souza, este tentou reconduzi-la ao cargo, mas ela não aceitou. Depois, desse problema político Coelho de Souza também teria pedido demissão. Ao que se vê as atitudes tomadas do Instituto de Educação muitas vezes refletiam no governo estadual.

Enfim, considerações sobre as imagens do relatório

É importante ressaltar como a fotografia interferiu no processo de construção de uma imagem de modernização da cidade quanto ao projeto educacional do Estado. Neste sentido, segundo Zita Possamai,

²⁵ Ibidem anterior, p.107.

a fotografia em Porto Alegre está intimamente ligada à construção e à veiculação do imaginário de modernidade. Entre outros aspectos, ser moderno, para os porto-alegrenses das décadas de 1920 e 1930, é freqüentar o estúdio fotográfico de renomado artista e ter seu retrato assinado por ele. Ser moderno é figurar entre os "retratados" das revistas ilustradas. Ser moderno é possuir entre seus pertences domésticos um aparelho fotográfico de marca estrangeira, ao lado de outros eletrodomésticos e aparelhos apontados pela publicidade como imprescindíveis para a vida moderna. Ser moderno é utilizar este mesmo aparelho em ocasiões as mais diversas, podendo registrar os acontecimentos cotidianos ou especiais. Ser moderno é, pois, morar em uma cidade moderna²⁶.

Tal como aqui, no Rio de Janeiro, durante a Reforma de Fernando Azevedo alguns anos antes, a fotografia serviu como *uma das formas de representação e legitimação da arquitetura e do espaço arquitetônico*²⁷.

Rachel Abdala ressalta que,

As fotografias produzem uma memória e uma cultura visual, criam um discurso e uma imagem específica que direcionam a forma de a sociedade ver a escola e suas práticas. Esses olhares são registrados em dois âmbitos: o oficial, institucional, profissional; e o privado, familiar.

Considerando que a escola construiu uma forma escolar, ou seja, um modo próprio que caracteriza e garante uma continuidade do modelo, é possível investigar como a forma escolar se moldou e foi moldada pela representação imaginética cristalizada pela fotografia.²⁸

Consciente de que as imagens do relatório foram produzidas dentro de uma cultura visual direcionadas ao âmbito oficial e por isso tinham um “recado” a dar. Pois, aparentemente, antes de conhecer o contexto histórico e político na produção dessas imagens, é possível pensá-las com a função de documentar o que já estava escrito, ou ainda, “inventariar”. Muitos pensam a fotografia como “registro do real”, no entanto, mesmo que estejam num relatório administrativo que tem a função inicial e inventariar, documentar, arquivar ou provar uma dada realidade, sabe-se que essas imagens adquirem outros significados no momento que são contextualizadas.

²⁶ POSSAMAI, Zita. O circuito social da fotografia em Porto Alegre (1922 e 1935). Anais do museu paulista. vol.14 no.1 São Paulo Jan./June 2006.

²⁷ ABDALA, Rachel. A fotografia e a construção da imagem da escola Normal. www.sbhe.org.br

²⁸ ABDALA, Rachel. Retratos escolares: práticas, imagens e representações de escola entre o oficial e o privado. Disponível em: www.faced.ufu.br/colube06/anais/arquivos/403RachelDuarteAbdala.pdf

Ao ver as imagens contextualizadas, pode-se perceber a representação da monumentalidade do prédio presente nelas. Ainda mais quando se sabe que o prédio fazia parte de um projeto de construção de uma identidade de modernização da cidade através do Estado. Um “novo” Brasil estava sendo construído e essa imagem precisava ser reforçada mostrando os investimentos governamentais na educação e na modernização do aparelho estatal.

Nessas interpretações é interessante considerar o papel político e ideológico de Florinda Tubino Sampaio, já que foi durante sua administração que a Escola Normal mudou de prédio e de status para Instituto de Educação General Flores da Cunha, ou seja, se modernizou e deixou a imagem representada de “escola modelo” para os gaúchos.

As imagens praticamente sem elemento humano, remetem a importância das inovações tecnológicas nos objetos ali representados. E mesmo que, tenha sido a partir, do âmbito oficial, as fotografias representaram o projeto educacional do Estado para o período e teve um papel importante na construção da imagem de “escola modelo” para o Instituto de Educação.

No entanto, essas são considerações prévias sobre o relatório, pois no decorrer da pesquisa pretende-se pesquisar mais sobre os fotógrafos, como também fazer uma análise da técnica aplicada nas fotografias. Além disso, pretende-se aprofundar a pesquisa sobre as imagens do Instituto de Educação que vincularam na imprensa do período.